

DIRECTOR AUGUSTO

DE SANTA RITA =

Por MANUEL FERREIRA

I-LO, negro de fuligem, trabalhando, de sol a sol, nas minas de carvão da França.

Trabalha e canta, pois é português e tem sempre nos lábios um sorriso de alegria.

Revolve a terra adoptiva com a enxada e a

pá. Lá no fundo, tudo é negro.

De vez em quando, lembra-se da Pátria distante e suspende, enlevado, a sua faina.

Chama-se António. E, nesse brumoso dia de Natal, sentia-se, mais do que nunca, desamparado e só, em terra estranha.

A hora da consoada aproximava-se. E quando o companheiro Adolfo, outro português mineiro, lhe viera recordar o Natal da aldeia, algumas lágrimas cairam pelo seu rosto.

- «Homem, como estarão por lá os nossos?...»
- «Melhor do que nós» — respondeu Adolfo, com um olhar saudoso e vago.

«Raro é escreverem-nos. Vivemos aqui desterrados, quási sem lar. Deixámos a terra-mãi na miragem da fortuna e regressamos a ela apenas com ilusões...»

Adolfo sorriu-se e disse:

-- «E' verdade, António. Ainda na semana passada eu ful a Portugal.»

— «Como?» — preguntou António, com curiosidade. — «Em pensamento, homem. Fui a La-Couture ver uma

fita portuguêsa.» - «Conta, conta...» - pediu António, quási em súplica.

- «Vi uma fita que nos mostrava tôda a beleza da terra. Desde o Minho, do vira e dos descantes...»

- «Onde fica a nossa aldeia?...» - interrompeu An-

- ... Ao Algarve das amendoeiras em flôr, eu per-





mim aquela... como direi?... Aquela coisa que me puxa para a terra...

o estrangeiro não compreende.» Ouviam-se passos, lá fóra. Alguns homens, bem vestidos, surgiam ao pé das camaratas onde os portugueses preparavam a pobre consoada.

- Bom dia, rapazes! Que Deus esteja convosco!>

Os mineiros levantaram-se, dizendo: «Gente da nossa Pátria? Sejam benvindos!»

Alguns correram a abraçar os recem-chegados - Então, como vai la o nosso Portugal? Donde são?> preguntaram os mineiros.

- «Somos do Minho, perto de Braga.»

- «Donde?» preguntou Adolfo.
- «De Amares - respondeu um rapazola novo. - Saíu--nos a grande do Natal e viémos ver a nossa gente.>

- «Fizeram bem, rapazes. Nós trabalhamos aqui de sol a sol e não conseguimos amealhar o suficiente para irmos



visitar a terra. Nunca esquecemos a Pátria, a nossa alleia, a família... Mas... que? Só queremos aparecer lá quando tivermos um bom pé de meia.>

- «Daqui até lá...» - tornou outro operário.

- «Hoje, para nós, é dia grande - exclamou António -Vemos gente da nossa terra. Eu sou de Amares. Deixei lá a mulher e um cachopo. Era um garoto pequeno... Algumas vezes foi, comigo e com a minha Joaquina, à feira de S. Gonçalo. Hoje, deve estar um homem ... Quanto desejaria vê-lo ...>

Os visitantes cochichavam e disseram:

- «Quem apanhou a maior parte da taluda foi aqui o Ernesto. E, vai dai, não descansou. Queria ver o pai.>

António olhou, surprêso, para os visitantes. E retor-

- «Tem graça. O meu filho chamava-se, também, Ernesto.>

- «E chama-se...» - retorquiu o rapaz, correndo a abraçar seu pai.

A cêna foi comovente. Os mineiros sorriam, enlevados. A vozearia aumentava.

A neve caía, em farrapos, enquanto as chamas da la-

reira iluminavam a cêna. È os mineiros diziam

— «Rapazes, há que tempos não viamos gente lá dos tossos sítios. Trabalhar, trabalhar e mais nada. Hoje é que foi para nós um verdadeiro dia de Natal. Ouvimos falar da nossa terra...»

António chorava de alegria. O filho disse-lhe:

- «Pai, venho cá a-fim de o levar comigo para Amares. Temos fortuna, graças a Deus. Deixe de regar, com o seu suor, a terra estrangeira e regresse à Pátria. Se quizer, compramos lá fazendas.»

- «Sim, filho. Estou tão habituado ao trabalho que não vou agora, do pé para a mão, tornar-me preguiçoso.

Quando partimos?>

- «Amanhã, se o pai quizer.» No dia seguinte, Antônio, cheio de alegria, abandonava a França. A despedida dos seus companheiros fôra impressionante.

- «Não te esqueças de dar recomendações à minha gente...»
— «E à minha velhota...»
— «E aos cachopos...»
— «E aos cachopos...»

- «Sim - retorquiu António. - Assim que chegar escrevo a todos.»

E, dirigindo-se ao filho, o antigo mineiro dizia:

(Continua na página 7)

BONS EXEMPLO

Por MARIA ISABEL CORREIA

I D A D E

OMO é boa e simples a caridade do povo!

Quero, hoje, dar aos meus amiguinhos o relato de alguns casos passados na minha terra e que bem demonstram que os bons sentimentos não murcharam, ainda, de todo, no coração do Povo.

A Maria Vielas, pobre, com uma carga de filhos, abandonada pelo marido, sustenta e atura, em sua casa, a sogra, vitima duma apoplexia, sem que de tal acção tire fama alguma ou proveito. Mantém-a e trata-a como se tivesse obrigação, e quantas vezes tira

o sustento à sua bôca para o dar à pobre paralítica.

— «Manda-a para os filhos, mulher! — (dizem-lhe as vizinhas) — êles é que

têm obrigação de a manter.»
— «Coltada! Os filhos pouco se importam com a infeliz velhota! Se ela tivesse algum vintenzinho ainda vá, mas a pobre nada tem!>

— «E tu tens alguma culpa disso?! Alguma obrigação?...» — «Não tenho, embora! Mas procedo, hoje, como espero que um dia procedam para comigo, se eu precisar!





AMOR DO PROXIMO

O José Lomba, jornaleiro da minha terra, recolheu em sua casa seis sobrinhos, órfãos de pai e de mãi, por quem olha com o mesmo disvelo que consagra aos seus cinco filhos! Sem se queixar, sem alardear a esmola que faz. sem quási sentir, à fôrça de ser bom e generoso, o pêso que representam seis bôcas numa casa.

O José Lomba só espera a recompensa de Deus e vive satisfeito com a sua consciência, o que já é um grande bem. Sempre alegre, atrás do arado que rasga as entranhas da terra-mãi, donde tira o sustento para si e para os seus, parece não sentir o pêso que tomou às costas, êle, um pobre de Cristo, só contando com o seu trabalho e com a Providência Divina.

AMOR CONJUGAL

Na casinha derruida e desmantelada do Vale de Aveleira, tudo vai de mal a pior. Dois velhos, tristes e abandonados, curtem frios e fomes, só lhes valendo a caridade incerta de quem os sabe desvalidos. Os filhos, que criaram,

foram para longe, construiram outros lares e não se lembram de quem lhes deu vida. O velho mal pode arrastar os pés, e a velha está quási cega. O quadro adensa-se de negras cores.

Ontem mandei chamar o Manuel Vermelho. Comove-me sempre a presença do pobre velho, porque êle me fala dos meus, que a terra cobre há tantos anos, da casa, das coisas antigas, de quando eu era menina e êle era, também, novo e forte.

—«Manuel, mandei-o chamar para conversar consigo.»

- «É por causa do fôro, minha senhora?»

- Não; não se trata agora disso. Quero propor-lhe uma coisa, Manuel; mas, antes de tudo, quero saber se o Manuel aceita ou não; o Manuel esta velho e doente; já outro dia teve um pequeno ataque... pode-lhe vir outro que o deixe impossibilitado de mexer-se... Sabe que a sua mulher não está em estado de o poder tratar; além de tudo isto, os meios são poucos e eu não posso supri-los sempre. Pensei, então, que podia arranjar-lhe lugar no asilo de Alcobaça. Lá não lhe faltará nada: nem comida, nem fato, nem tabaco. Todavia, eu não quero tratar da sua admissão no asilo, sem saber se o Manuel aceita.»

O velho desatou, logo, a chorar. -«Eu agradeço muito à senhora a sua lembrança mas não vou; não

deixo a minha mulher, coitadinha!!> - «Mas ela ja para casa da filha, que não tem tantas necessidades como você. Não fuma, não anda calçada, de qualquer forma cá se acomodaria.»

«Pois sim; porém, não a tornar a vêr!... Sim, porque eu, se para lá fôsse, era como se me despedisse dela para sempre!»

E o Manuel tornou a chorar.

— «E isso não há-de acontecer um dia?» «Embora, minha senhora: seja o que Deus quizer! Entretanto, cá iremos padecendo ambos com a ajuda de Nosso Senhor, mas eu não deixo a minha mulher, coitadinha!!>



A ESPERTEZA DO ZÔRROA CONFERÊNCIA

POR LEONOR DE CAMPOS

senhor Zôrro Finório, pre- sar em tão bons bocadinhos... Porisso você trará, sempre que venha a guiçoso e indolente, queria - Ah! — disse êle a certa altura, de- consulta, uma galinha nova, para eu lhe comer bons petiscos sem se pois de muito matutar. - já sei a maneira de comer excelentes petisqueiras sem me incomodar muito... Vou fazer-me um médico de fama!... O pior... é que não percebo nada de medicina... Mas não faz «O pior é ter de trabalhar!... Se eu pudesse. sem trabalho, conseguir enviar para a minha barriguimal. Como sou muito espertalhão, cá me nha belos cordeiros, ricas ovelhas e gor-

das galinhas!...>

E o guloso lambia e

feias beicolas, só

de se lembrar.

só de

arranjarei...»
Passados dias, abriu um consultório à porta do qual colocou uma taboleta, que tornava a lamber as rezava o seguinte:

> Nêste consultório do Zôrro Finório, todos os doentes dos rins ou dos dentes. do figado ou baco, da perna ou do braco. alívio acharão. Não mais sofrerão!...

Está claro que logo comecaram a afluir

Primeiro, apareceu a senhora Corca, a queixar-se de fraqueza...

Dr. Zôrro auscultou, interrogou e decla-

- «Isso cura-se. Não tem importância... Mas leva muito tempo... O tratamento é demorado... Você vem cá todos os dias, que eu dou-lhe umas injecções que são mesmo uma maravilha!...>

- «Injecções de quê, Dr. Zôrro?» - interrogou a senhora Corça.

— «De extracto de figado de galinha.

consulta, uma galinha nova, para eu lhe extrair o figado a-fim-de fabricar a injeccão ... Entendido ?»

A senhora Corca agradeceu o interessa e prometeu vir ao tratamento

Daí a pouco aparecia à porta mestre Leopardo, a quem um tiro perdido tinh ferido numa das patas.
— «Isso não é nada — declarou o Zôrro.

depois de examinar os ferimentos...— Cura-se com um emplastro de língua de cordeiro... O que é necessário é reno. var o penso diàriamente... Traga-me, porisso, todos os dias, um cordeiro e verá como se cura depressa...>

O Leopardo cumprimentou e saíu. Todo o dia esteve o Dr. Zôrro nesta amento da nossa raça! (Fartos apláusos se ouviram entre a felina assistência).

— A nossa raça (continuou o orador) tem sido muito aviltada! Acusam-no prepararia de forma especial, para lhes Torna-se preciso acabar com o mau dar virtude—; a outro, patas de carneiro poiado, gritava a gataria, entusiasmada).

pisadas com um determinado óleo que só — Em primeiro lugar (continuou D. êle possuia... e. assim, por ai fora.

No dia seguinte era uma romadem à nora as mais variadas espécies de caca e áves de capoeira.

O consultório ficou completamente cheio... Mal se podia entrar...

Ao fim da tarde, Dr. Zôrro fechou a

consulta. E então, gulosamente, começou a comer. a comer. a comer ...

tou-se e adormeceu...

(Continua na página 8)

DOM BELTRÃO SABICHÃO

POR IDALINA CARVALHO RODRIGUES

MENCÃO HONROSA DO CONCURSO

ODA a gataria do sítio fora convidada a assistir à conferência de D. Beltrão Sabichão, que teria logar numa velha

Desde os tarecos mais amimados, aos mais reles vádios, todos se encontravam instalados nos seus logares à hora indicada

E' que D. Beltrão Sabichão tinha fama de grande orador! Logo que entrou, uma grande salva de patas o acolheu.

Era um belo bichano anafado e luzidio. Agradeceu polidamente a calorosa manifestação da gataria presente, retorceu os façanhudos sidodes, puxou os imaginários nunhos da não menos imaginária camisa assumiu ar imponente e principiou a sua conferência.

- «Meus amigos, vou iniciar uma série de palestras que teem por fim o levan-

- A nossa raca (continuou o orador) tem sido muito aviltada! Acusam-nos de para dôres de dentes - orelhas que éle relhacos, traiçoeiros e, especialmente, de gatunos.

Torna-se preciso acabar com o mau conceito que formam de nós! (Apoiado,

-Em primeiro lugar (continuou D. Beltrão com calor) vamos acabar com principal defeito que nos atribuem. Refiro-me à gatunice. (E, com um sorriso mevolente, acrescentou.) — Eu sei que os meus amigos gostam, ás vezes, de surripiar porta do Dr. Zôrro: Chegavam a tôda a malquer coisinha, especialmente peixe...>

Logo o «Trinca-Espinhas», com modo fadistão, gritou:

- «Olé! Se gostamos!... Eu pélo-me por pregar dessas pirraças a tôda peixeira que tenha a canastra a jeito da minha «unhaça»! Que belas coisas enho surripiado.

Então, todos os bichanos e bichanas, comecaram a contar as suas proezas. Só Bilocas, gatinha amimada, de pêlo branco, e laçarote azul, mostrava ares de Comeu até não poder mais. Depois dei ofendida, quando algumas tarecas lhe preguntaram se não gostava, também, de rripiar o seu carapauzinho... Era um barulho ensurdecedor.

(Continua na pagina 8)



RIJSTRADA POF MARIA DE JESUS DOS SANTOS





«ti» Ana do Vedor A Mandou o Bita comprar Um «papo-sêco» molinho, Para êle, inocentinho, Quando fôsse merendar,

Mas Bita, ao ver o dinheiro. Lembra à tia já «carcassa»: - Deve-se 'inda lá um pão.... Grita-lhe ela: - «Paspalhão! Vai-te, deixa ver se passa.»

Na padaria, o miúdo Comprou o pão e pagou Mas logo o «Zé» Arganassa Lhe preguntou: «E a carcassa Que você ontem levou?



Ao que Bita respondeu: (E fez rir a populaça) - «Eu lembrei à «ti» Vedor. Mas ela, de mau humor, Disse : - «Deixa ver se passa !»



- «Pois diz-lhe lá que não passa, Passa p'ra cá dez tostões!» (Volve o caixeiro Arganassa) Muito embora achasse graca, Rindo lá com seus botões.



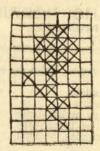
Meninos nunca imiteis A «ti» Ana do Vedor Porque é um grande pecado Enganar seja quem fôr.

CESTINHO da COSTURA

Por ABELHA MESTRA



amiguinhas:



Há quanto tempo a Abelha Mestra não aparecia a falar com as suas abelhinhas? Mas que lhe teria acontecido? Sabem o que foi, minhas queridas? Aconteceu-lhe o mesmo que costuma suceder às outras abelhas: - mudou de cortiço!

O pior foi que, enquanto não o teve muito limpinho e arrumadinho, não pôde consagrar-se às suas abelhinhas.

E parece que levou seu tempo! Mas, agora, vai ela, de novo, voltar a ocupar-se de vo-

cês, pois as saüdades já eram grandes.

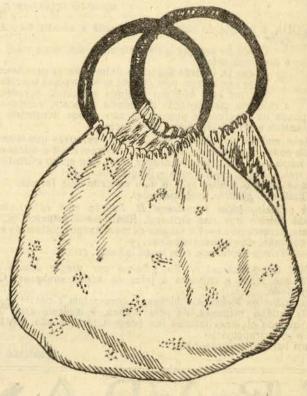
E, assim, temos, hoje, êsse saquinho de costura, reünindo em si grandes vantagens. E' útil, prático e muito fácil de fazer. Arranjam uma tira de linhagem escura, à qual dão, em baixo, uma forma um pouco arredondada.

Bordam lhe, então, essas florinhas em ponto de cruz, na côr que mais gostarem. Depois forram a tira, fazem lhe em cima uma baínha larga, onde se metem as argolas de

E, com pouco custo e trabalho, podem ter assim um saquinho para guardar as vossas costuras.

Abraça-as a tôdas com muita simpatia a vossa

ABELHA MESTRA.





DONA GALINHA

Por MARIA DINIZ SIMÕES

ONA Galinha Carcarejou: - Muito lampeiro, Galo cantou:

- «Vai pôr teu ôvo No cesto côvo... Vai mulherzinha!

Um galo pobre, Que não é nobre, Tem de ajudar No que puder ...

Eu guardarei Os pintaínhos, — Nossos meninos! —

(Continúa na página 8)

OS HOMENS e O TEN

Por FELIZ VENTURA

EVANTARAM-SE da terra Mil clamores contra o sol, Que êle era mau, desumano, Que andava tudo a queimar... O terreno com tal seca, Pois não tinha inda chovido, Tornara-se endurecido Sem se the poder tocar: E era já mais do que tempo De o grão à terra lançar.

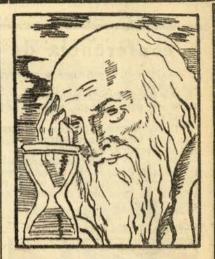
O sol, ouvindo tudo isto, Acabou por resolver Que, durante muitos dias, Não tornaria a apar'cer.



Então, vieram as nuvens E comecou a chover.

Claro que os primeiros tempos Correram sem novidade; Mas, passados uns três dias, lá do sol tinham saüdade. Achavam água de mais E dizia tôda a gente Que essa chuva, impertinente, Tudo havia de ruir. Mas ela, sempre a cair, Sua canção a cantar, Não se ralava com isso. Sempre, sempre indiferente, Fazendo a todos zangar.

Passado mais algum tempo, Vendo o céu inda tão feio, Tudo se encheu de receio E comecaram dizendo, Cheios de grandes cuidados: - «Nós desejámos a chuva Mas fomos bem castigados! Se nos tivesse lembrado, Tinhamos, antes, pedido Para vir o nevoeiro. Ficavam bons os terrenos E não vinha êste aguaceiro.»



Mas, por mera coincidência, Ou não sei porque seria, Logo no seguinte dia Estava tudo cerrado... Nevoeiro tão fechado Que nada mesmo se via.

Levantam-se, novamente, Grandes protestos violentos, Pois qu'riam o nevoeiro Mas só durante uns momentos.

Então, o velhinho Tempo Resolveu não se ralar. Com o que êle lhes mandasse; Teriam que se agüentar, Pois uma coisa difícil È os homens contentar!

(Conclusão da página 2)

- «Quantas vezes eu pedi a Deus que me não deixasse morrer em terra estranha. Deus ouviu-me e, no próprio dia de Natal, fez-me deparar a fortuna, o filho querido e o regresso à Pátria ... >

E, pessando por um cruzeiro na serra. António e o fi-lho ajoelharam, dizendo:

- «Bendito seia Deus!» E rezavam:

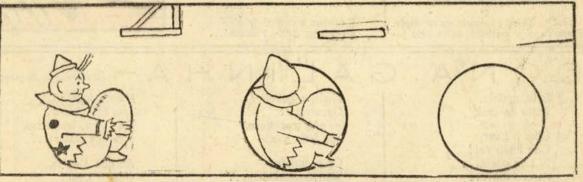
- «Padre Nosso, que estais nos céus, abençoai Portugal!...»

M

VÈR NO PRÓXIMO NÚMERO:

CONCURSO DOS PALACIOS E MONUMENTOS

E E D D



Como se desenha um palhaço a dar uma cambalhota

A conferência de Dom Beltrão Sabichão — (Continuado da página 5)

- «Silêncio! (Intimava o orador, agitando, muito nervoso, o guiso da

Por fim, restabeleceu-se a ordem, e D. Beltrão Sabichão poude continuar: - De hoje para o uturo, nenhum de vos jamais roubará! (gritou éle, em voz

forte. Houve alguns protestos, principalmente da parte dos bichanos vádios, mas, visto isso ser necessário ao levantamento da raça, prometeram todos

não mais praticar êsse delito.

. Oh! tentação do pecadol... Neste momento, passa uma peixeira apregoando carapáu. E, talvez cansada e desejosa de dizer outra coisa que não fôsse o pregão da sua venda, pousou a canastra no chão, mesmo junto à janela da cave onde se reiniam os bichanos, começando a tagarelar com uma freguêsa amiga.

Os gatos, logo que viram a canastra com os luzidíos carapáus ao seu alcance, tiveram logo a tentação de se atirarem a êles, mas lembraram-se, a

tempo, da promessa que haviam feito. Suspiraram, relanceando olhares pesarosos ao belo manjar. D. Beltrão Sabichão, também não ficou insensível ante tão bom petisco. Ele que

gostava tanto de carapáu!... E aquele tão fresquinho, que parecia prata, estava mesmo a tentá-lo!... Mas um gato é um gato!... (pensou ele.)

Vendo que a assistência já pouca atenção lhe prestava, gritou bem alto:

«Meus amigos, resisti à tentação, segui o meu exemplo!»

Mas a canastra atrai-o... e, não podendo resistir mais, pretextou muito calor, foi até à encantada janela, e, julgando que o não viam, surripiou, com presteza, um carapáu.

Então, tôda a gataria imediatamente lhe seguiu o exemplo. Até a Bilocas, se não foi a primeira, também não toi a última! A peixeira conversava, e o peixe desaparecia.

Meus meninos, infelizmente, há muita gente como D. Beltrão Sabichão!

Aconselham aos outros, o que não são capazes de fazer.











Zôrro — (Continuado da página 4) esperteza

Na manha seguinte, ainda na cama, Dr. Zôrro desatou a cantarolar:

> Toca a levantar... Os parvos doentes estão a chegar, com belos presentes p'ra eu mastigar...

Mas inda não tinha acabado a canteria, quando sente as portas arrombadas e uma multidão furiosa a avançar, a avançar, a gritar, sempre a gritar :

> A morte, o Zôrro Finório!... A morte, o Zôrro Finório!...

O Dr. Zôrro não quiz ouvir mais. Foge para a cozinha, salta pela ja-

nela das trazeiras... e, a tôda a velocidade, desapareceu, sem que nenhum bicho lograsse tornar a vê-lo...

Porque, êle que era finório, logo percebera o que se passava: Com os tratamentos que fizera, com os remédios que receitava e as injecções que aplicava... os doentes tinham piorado! E eram êles, agora, que vinham pe-dir-lhe contas das suas más acções, gritando:

> A morte, o Zôrro Finório!... Á morte, o Zôrro Finório!...

E fechou o consultório do Doutor Zôrro Finório!...





(Continuado da página 6)

E tu, mulher, Trata da ceia;

Olha o Luar, Que lindo vai! E' Lua cheia ... Parece dia!... Vamos cantar. Ai que alegria !» Nisto, a galinha Cacarejou: - «Ai maridinho, que feliz sou!

Os pequeninos 'stão crescidinhos... Nossas canseiras Vão acabar!...

Vamos fugir Das cozinheiras, Que vêm, lampeiras, P'ra nos matar!...

Ai, que alegria, Olha o Luar! Parece dia... Toca a safar!...>